

# O HOMEM QUE ERA VERDE



PATROCÍNIO



Realizado com os benefícios da  
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

*Laly Cataguases*

O HOMEM QUE ERA  
VERDE

*Contos e crônicas*



*Ibis Libris*  
*Rio de Janeiro*  
*2011*

Copyright © 2011 *Laly Cataguases*

Editores: *Thereza Christina Rocque da Motta e João José de Melo Franco*

Ilustrador: *Renato Faccini*

1ª edição em março de 2011.

Cataguases, Laly, 1964–

O homem que era verde: contos e crônicas / Laly Cataguases. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.

128 p., 21 cm.

ISBN 978-85-7823-064-7

Impresso no Brasil.

2011

Todos os direitos reservados ao autor.

E-mail do autor: [lalycataguases@uol.com.br](mailto:lalycataguases@uol.com.br)

*Realizado com os benefícios da Lei Municipal  
de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.*

*Ibis Libris*

. Nossa Senhora de Copacabana, 897 sala 803 Copacabana

Rio de Janeiro RJ CEP 22060-001

Tel. (21) 2556-0253 | 3546-1007

[www.ibislibris.com.br](http://www.ibislibris.com.br)

[ibislibris@ibislibris.com.br](mailto:ibislibris@ibislibris.com.br)

Associada à LIBRE.

[www.libre.org.br](http://www.libre.org.br)

## ÍNDICE

### O HOMEM QUE ERA VERDE:

- Deixe-me cuidar do seu, 9
- A Ilha Viva, 13
- O homem que era verde, 19
- O vilão, a tarântula e cinco gramas de viscosidade, 24
- A perfeita imperfeição, 28
- O pequeno espantalho, 31
- O grande pecador, 34
- O último primeiro encontro, 37
- O leilão, 41
- O armário com o relógio de prata, 44
- Da doce Patagônia ao salgado Atlântico, 47
- Do outro lado da vida, 51
- Que nojo!, 53
- Quinta-feira negra, 57
- O par ímpar, 60
- Armagedão em looping, 64
- O melhor filho do mundo, 67
- Entrincheirados, 69
- Ad eternum, 72
- A casa dos Rosenberg, 75
- Eu aposto na velhinha!, 79
- A idade do erro, 85
- A lei da compensação, 88
- Urbe, 91
- Erê, 95
- Casa de boneca, 100
- A arena de Cícerus, 106

### FÁBULAS:

- A lendária oficina, 121
- Jean-Pierre e o Reino das Hortaliças, 124



*Este livro é dedicado  
ao meu pai Abílio (in memoriam),  
minha mãe Jacinta,  
minha irmã Nilda  
e às minhas sobrinhas Juliana e Lohana.*





## DEIXE-ME CUIDAR DO SEU

*Para Júnia Costa*

**M**argarida possuía um jardim magnífico. Folhagens de um verde impactante, pareciam lavadas uma a uma, avencas, samambaias, trepadeiras... As flores também eram vivas, um mundo delas: copos-de-leite, dalias, hortênsias, tulipas, rosas... Ah, as rosas!... Brancas, vermelhas, amarelas... Tinha até um bonsai, aquelas árvores em miniatura, um salgueiro. E também borboletas, abelhas, joaninhas e vários outros insetos! Eu, sempre que podia, passava pela rua dela, só para me deslumbrar com o “Jardim do Éden”, como era conhecido no bairro. A vida naquele pedacinho de terra era realmente pulsante. Era o que havia de mais importante para ela. Sentia-se a pessoa mais feliz do mundo quando estava entre suas flores, conversando com elas, inspirando seus perfumes, vários, um a um, adorava. Infelizmente, por mais que quisesse, Margarida não podia cuidar dele. Sofria de um mal terrível, uma alergia à terra, gravíssima. O máximo que conseguia era regar o jardim e podar as folhas. E só! Nepomuceno, mais conhecido por Nemo, era quem cuidava do solo para ela, transplantando, semeando, revolvendo a terra quando preciso, cortando as raízes excedentes. Margarida era muito grata a ele, um rapaz que morava na rua de cima.

Nepomuceno não possuía um jardim. Sua paixão eram cavalos-marinhos, aqueles peixinhos exóticos que nadam em pé, como que “pocoteassem”. Nada o deixava mais feliz que trocar confidências com o casal de peixes que morava num lindo aquário da sala, tão bem cuidado quanto o jardim de Margarida. O aquário estava sempre limpo, vibrante e caracterizado ao ambiente natural de seus moradores. No entanto, Nepomuceno não podia cuidar do aquário. Também sofria de uma alergia rara. Sua patologia era a uma substância exalada pelas placas dérmicas dos cavalos-marinhos, apenas eles. O máximo que fazia era salpicar a ração bem por cima da água. Avelino que morava num bairro próximo era quem cuidava do aquário para ele. Limpava-o regularmente, higienizava-o, retirando o excesso do lodo e substituindo alguns adornos por outros para que o casal de peixes não caísse na monotonia.

Já a paixão de Avelino eram as aves, os pássaros, em especial o canário-belga. Ficava fascinado com seu estilo de canto, a plumagem amarela imponente. Distraía-se vendo-o comer sementes de jilós, partidos ao meio e presos nas grades da gaiola. Ou brincando no pequeno cocho d’água, espirrando-a para todo lado. A gaiola era também muito bem cuidada. A bandeja, que ficava em sua base inferior e que também funcionava como coletor de fezes, tinha a areia trocada uma vez por semana, juntamente com o alpiste. A água e os jilós eram renovados a cada dois dias. Mas Avelino, como Nepomuceno e Margarida, também sofria de alergia, uma coincidência infeliz. Era a uma substância aérea de nome complicado emanada das penas dos canários-belgas. Quase morreu, certa vez, por não tomar os cuidados necessários. Felizmente, Margarida cuidava da gaiola para ele. E o fazia com muito gosto.

O interessante era que ela não sabia que Avelino cuidava dos cavalos-marinhos de Nepomuceno, que também não sabia que Margarida cuidava do canário-belga de Avelino, que também não sabia que Nemo cuidava do jardim de Margarida. Faziam o agrado pelo simples fato de ter de ser feito, apenas isso, e que eles tinham condições para tal.

Certo dia, Margarida, cuja resistência imunológica sempre foi baixa, contraiu uma virose estranha, cuja combinação dos sintomas era desconhecida pelos médicos. Precisou ser internada com urgência, e teve de ficar isolada dos demais pacientes. Mas antes que o primeiro sintoma se manifestasse – suor abundante nos pés – contagiara Avelino involuntariamente, que também, sem querer, contagiou Nemo. Foram isolados juntamente com Margarida. Precisariam permanecer, pelo menos, uma semana no hospital para exames e avaliações. O caso já estava começando a chamar a atenção do Ministério da Saúde, temerosos pelo início de uma epidemia, uma nova doença.

Dr. Lázaro ficou surpreso com a reação dos três pacientes: a preocupação deles não era a própria recuperação e, sim, o maior bem que possuíam, aquilo que os deixavam realmente felizes e que, naqueles dias, não contavam com ninguém para cuidar. Diante de tanta angústia, o médico, meio a contragosto, decidiu tratar pessoalmente daqueles preciosos bens.

E foi até lá, depois de ouvir atentamente a recomendação de cada um deles. Ficou encantado com o casal de cavalos-marinhos, o canário-belga e também as plantas e flores. Apenas um dia na manutenção foi o suficiente para despertar nostalgicamente nele um desejo que lhe fora reprimido ainda criança: cuidar de cisnes. Tinha uma única lembrança: chorava, porque a mãe o proibia de se aproximar deles. Acariciá-los, então, nem pensar! E isso era exatamente o que mais queria. O máximo que conseguira chegar perto foram cerca de dois metros, uma única vez, vendo sua mãe acariciar um dos cisnes, por ele, na beira da lagoa, após muita insistência do menino. Dias depois, sua mãe falecera, não sabia por quê. Já órfão de pai um mês antes de nascer, Lázaro teve de ir morar com um primo distante, único parente vivo, abandonando a fazenda natal. Depois de adulto e médico, voltou para lá. Morava só e nunca tivera tempo de cuidar de algo que não fosse a medicina, muitas horas de trabalho por dia.

Antes mesmo da segunda manutenção no aquário, na gaiola e no jardim, sua primeira providência foi adquirir uma família inteira de cisnes: os pais e quatro filhotes. Três dias depois, Margarida, Nemo e Avelino aguardavam ansiosamente por ele no hospital, cuja alta seria dada naquele dia. Felizmente, a doença dos três desapareceu sem deixar vestígios, sem perigo de contágio.

Ficaram surpresos quando o médico chegou ao hospital numa maca, em estado grave, cheio de erupções pelo corpo, uma resposta alérgica e hereditária a uma substância exalada pelas penas dos cisnes. A patologia era grave e precisaria recolher-se ao hospital por quase um mês. No entanto, sua maior preocupação era ter deixado a família de cisnes sem cuidados.

Alta confirmada, Nemo pôde voltar a cuidar do jardim. Margarida, do canário-belga. Avelino, do casal de cavalos-marinhos. Porém, os três começaram a cuidar, juntos, de outro bem precioso: a família de cisnes do Dr. Lázaro. Não porque o médico cuidou de cada um deles, mas pelo simples fato de ter de ser feito por alguém, apenas isso, e que eles tinham condições para tal.

## A ILHA VIVA

**N**os dois primeiros anos de casamento, ainda sem filhos, não houve grandes complicações, apesar da profissão antimatrimonial de Bruno. Viajava muito a trabalho, era auditor fiscal da Receita Federal. Permanecia tempo demais fora de casa, chegara a se ausentar dois meses seguidos. Meses depois do nascimento do filho, também chamado Bruno, ele começou a se distanciar na relação. Não por ter deixado de amar a esposa, pelo contrário. Sempre foi apaixonado por Mara, embora soubesse que ele nunca fora o grande amor da vida dela. Seu rival de conquista era Gustavo, o melhor amigo dele, dez anos mais velho, e que se casara com outra mulher um ano antes de Mara dizer sim a Bruno.

Mas desconfiava que o filho não fosse dele. Sabia que, na época da fecundação, fizera as contas, havia dormido em casa. Entretanto, não achava o filho parecido em nada com ele, nem fisicamente. Mara conseguiu arrastar o casamento ainda por dois anos após o nascimento do filho. A indiferença do marido atingira um grau insuportável, estava cansada das tentativas frustradas de “interpretá-lo”. O pedido de separação não o surpreendeu. Até o favoreceu.

Durante os cinco anos seguintes, visitou pouco o filho. E

quando este já andava e tinha de levá-lo para passear, carregava junto o filho da vizinha, amiguinho de Bruninho. Deixava os dois brincando sozinhos nos jogos eletrônicos dos shoppings, ficava apenas por perto, assistindo, sem entrega. Outras vezes, iam ao cinema, tomavam sorvete, porém sempre em companhia do amiguinho. Pai e filho andavam quase nunca de mãos dadas. Só o faziam sob cobrança de Bruninho. Adorava o pai e contava os dias para tornar a vê-lo. Apesar da secura, Bruno nunca faltara às visitas. Dia marcado, vinda cumprida. Era o mínimo que podia fazer, assim se sentia menos culpado. No entanto, a cada ano, as visitas ficavam propositalmente mais espaçadas. O filho, por saudade, chegava a ligar escondido da mãe, que percebia o tratamento frio do ex-marido, sem entender por que, ele sempre desconversava. E mesmo passados cinco anos, Bruno e Mara continuavam sozinhos, não conseguiam se abrir a outro relacionamento.

O aniversário de sete anos do filho chegara. Especialmente naquele ano, Bruno estava mais distante. Preferiu não ir à festinha, arrumou desculpa de trabalho, prometeu vir no final da semana seguinte. Trouxe um brinquedo eletrônico de última geração, da linha PSP. Bruninho adorou. Contudo, o que queria realmente era sair com o pai, apenas os dois. Bruno desculpou-se, tinha um almoço na Fazenda Verde Alegre.

– A fazenda do Gustavo? – indagou Mara, referindo-se ao melhor amigo de Bruno, o mesmo por quem ela havia se apaixonado tempos atrás.

Bruno confirmou. Gustavo estava sério ao telefone, queria falar-lhe com urgência.

– E por que não pode levar seu filho? – perguntou ela novamente.  
– Deve isso a ele. Sente falta do pai.

Chegaram à fazenda por volta das dez da manhã. Era um

local vasto, bonito, com cavalos e alguns animais de pequeno porte: galinhas, porcos, patos, galinhas-d'angola, cachorros, gatos. Também muitos pássaros, soltos, que faziam das diversas árvores da fazenda seu ancoradouro, tanto para descanso quanto para reprodução. Havia ainda alguns animais silvestres nas pequenas matas do local: micos, esquilos... Bruno evitava visitar o amigo na fazenda, trazia-lhe tristes recordações. Gustavo recebeu-os na porteira principal. Fez festa a Bruninho, há muito tempo não o via. Bruno percebeu o semblante carregado de Gustavo, achou melhor conversarem logo. Pediu a um dos empregados que levasse o filho ao pomar, muitas árvores e arbustos frutíferos, com certeza iria gostar. Entrou na casa com o amigo.

Gustavo estava arruinado, os negócios não iam bem. Escondeu o fato de todos, da família, amigos, na tentativa de sair sozinho da crise com o tempo. No entanto, as coisas não fluíram como pretendia. Para não fechar as portas da empresa, precisava cobrir rápido um prejuízo alto, teria de dispor da fazenda.

– De jeito nenhum! De quanto precisa?

– Não, Bruno.

– É o meu melhor amigo, faria o mesmo por mim.

– Não me sinto bem com isso, só pego empréstimo em banco, você sabe disso. O problema é que estou totalmente sem crédito na praça.

– Faço em meu nome.

– Dá no mesmo, não posso aceitar.

– Não pode vender a fazenda, você me prometeu!

– Por isso chamei você aqui.

Bruno franziu a testa apreensivo.

– Quero que a compre de volta.

A resposta, engasgada, demorou alguns segundos para sair:

– Não posso. Ainda não.

– Seu pai já faleceu há mais de vinte anos! Está na hora de superar isso.

Fitou-o novamente, num “basta!” e saiu aos ventos.

Lembrou-se do filho. Não havia ninguém no pomar. Procurou ao redor: na pequena lagoa dos patos, na estrebaria, no parquinho. Deparou-se com outro empregado que cuidava da horta.

– Eles foram para a Ilha Viva.

Seus olhos se arregalaram, como se duvidassem.

– Para a Ilha Viva, senhor – frisou o homem.

A Ilha Viva!... Nunca mais pisara lá, desde...

– Quer que eu vá chamá-los?

Bruno continuava pensativo. O outro foi saindo.

– Não. Eu vou.

A Ilha Viva também pertencia à fazenda, ficava mais ao norte. Fora construída pelo bisavô de Bruno. Era um pequeno bosque, de aproximadamente mil metros quadrados, circundado por um rio que cortava a fazenda. O leito, ao chegar à ilha, fora dividido em duas partes, contornando o monte de terra arborizado, unindo-se logo depois, tornando-se novamente um. Todas as árvores da ilha, também plantadas pelo bisavô, possuíam galhos bem baixos, fortes, abertos, possibilitando que as pessoas, principalmente crianças, subissem e brincassem acima do solo com pouco risco de acidentes.

À medida que Bruno se aproximava da ilha, o coração apertava, recordando dos momentos ternos que passara ali com o pai, brincando de pique nas árvores com ele, e com elas, as árvores, através de seus galhos. Passar de uma árvore a outra era fácil, como se todas fossem apenas uma, não se sabia onde começava uma e terminava outra. Bruno nascera naquela fazenda, fora criado bem próximo ao pai, não tinha lembranças



da mãe. Ela falecera quando ele tinha apenas um ano de idade. O pai, então, fechara a empresa na cidade e passara a tirar o sustento da própria fazenda, criando gado, leiteiro e de corte, e uma pequena granja. Assim passaria bastante tempo com o filho. A brincadeira preferida dos dois era o pique nas “árvores alegres”, como Bruno as chamava, que “tinham seus braços sempre abertos” para recebê-los, “brincar com eles”. Assim passou toda a infância. Aos dezoito anos, foi obrigado a se mudar para a cidade, sozinho, por causa dos estudos. Entretanto, todo final de semana estava na fazenda com o pai. E ainda brincavam com as árvores alegres da ilha, nunca deixaram de fazê-lo. Um ano depois, durante um piquenique sob as copas, o pai faleceu em seus braços, de ataque cardíaco fulminante. A partir daí, sendo difícil para ele viver na fazenda, decidiu vendê-la para Gustavo com a promessa de não passá-la adiante. Pretendia, um dia, retomá-la. No entanto, visitava cada vez menos o lugar. A ilha, nunca. Mesmo depois de se tornar auditor fiscal, com ótimo salário, não encontrou coragem para reavê-la.

Já dentro da ilha, avistou o filho ao longe, brincando de pique nos galhos das árvores com o empregado, exatamente como fazia com o pai. A cena o remeteu ao passado, trouxe toda a emoção de volta, seus olhos se umedeceram. Quando Bruninho o viu, correu ao seu encontro e o abraçou.

– Procurei por vocês no pomar – disse, e disfarçou a lágrima.

– Bruninho não gostou de lá – respondeu o empregado.

– É, pai, as árvores de lá são tristes, compriiidas...

– Disse que gostava de árvores alegres e com os braços abertos – completou o empregado.

– Estas aqui são legais, pai, elas brincam com a gente!

Naquele momento, Bruno teve a prova mais cara de que de fato ele era seu filho legítimo. Sentiu-se um idiota.

– A gente também pode ter um lugar assim, pai?

Em resposta, apenas um sorriso. Bruninho abraçou-se às pernas dele. O empregado se afastou. Bruno pegou a mão dele para voltarem para casa. Bruninho se soltou e correu, rindo, até os galhos das árvores. O pai atendeu prontamente ao pique. Galho após galho, árvore após árvore, galho após galho, árvore após árvore... Ficaram ali. Algum tempo. O necessário para um recomeço.

## O HOMEM QUE ERA VERDE

**C**onheci Daladiê há vinte anos. Eu ainda morava em Cataguases, pequena cidade no interior de Minas. Era verão, meus primos e eu nos refrescávamos numa cachoeira de uma cidadezinha próxima. Não era propriamente uma cachoeira, como todos conhecem. Os rios da região, praticamente planos, possuem muitas pedras em algumas partes dos leitos, criando pequeníssimas cascatas e piscinas, locais muito frequentados pelas famílias cataguasenses e da redondeza durante o verão. O clima é quente, abafado, e esse fresco ganha conotações bem maiores para seus moradores. Por isso, quando estiverem na região e forem apresentados a algum desses rios e virem suas pedras, nem ousem dizer que não se trata exatamente de uma cachoeira.

Daladiê chegou de bicicleta, suado, empoeirado, mochila nas costas, capacete e outros apetrechos de segurança. No rosto, semblante de funeral; e minha intuição dizia que não era por causa do cansaço. Para completar, usava óculos, o que o deixava ainda mais sério. Apesar da fachada, passou-me simpatia. Deixou a bicicleta na grama, mirou um arbusto e saiu de lá, depois de alguns minutos, apenas de *short* e jogou-se na água. A cachoeira estava repleta. Entretanto, exceto eu, só mais três pessoas o perceberam. Já estávamos para sair, ia sobrar comida, ofereci-

lhe de longe um sanduíche frio. Devia estar faminto, nadou veloz até nós. Eu ainda não sabia, mas estava surgindo naquele momento uma amizade. Nas primeiras frases, meus primos e eu soubemos de que se tratava de um andarilho. De duas rodas, claro. Vinha de Porto Alegre, estava na estrada havia dois anos. O destino era incerto, mas a direção não: rumar para o norte, sempre, nunca voltar! Meus primos tinham compromisso e fiquei para fazer companhia àquela figura enigmática. Estava curioso para saber o que de tão grave havia acontecido a ele, um homem de trinta anos, dez mais do que eu, mas ainda muito jovem. E tão desiludido. Ficamos algum tempo ali, comendo e conversando, entre outras coisas, sobre a cachoeira:

– Como assim, “cachoeira”? – questionou, sem entender.

Depois me deu carona até em casa. Era sábado e meu pai estava atendendo o último cliente na barbearia que fazia meia-parede com a nossa residência. Sempre interessado por boas histórias, como todo barbeiro, papai entrosou-se rapidamente com o estranho. Foi, então, que descobrimos que Daladiê não tinha dinheiro. Quando cansava de pedalar, parava em uma cidade e procurava um trabalho provisório em troca de comida. Para sua sorte, sabia fazer várias coisas; outras, aprendera durante a jornada. A barbearia estava sem engraxate havia muito tempo e Daladiê disse “sim”. Eu sempre fora o engraxate oficial, e o único, mas deixei o posto aos dezesseis anos ao ingressar numa farmácia da cidade, minha primeira carteira assinada.

Para dormir, o forasteiro não abria mão da sua barraca. Ao lado esquerdo da minha casa, numa esquina, havia um terreno baldio (hoje, um prédio de três andares), onde estabeleceu residência. Também não se alimentava conosco, levava o prato até a tenda.

Apelidei-o de “Daladiê, o Verde”. Seu estilo de vida nômade me fazia lembrar um antigo seriado de tevê, “O Incrível Hulk”. Para quem não conhece, David Banner, um gênio da física nuclear, contaminado por raios-gama durante uma experiência em laboratório, quando ficava

nervoso, se transformava num monstro verde muito forte chamado Hulk. Só retomava a forma humana depois de se acalmar. Como era fugitivo da Justiça, o cientista ia de cidade em cidade, onde fazia novos amigos, resolvia os problemas das pessoas e, ao ser descoberto quando se transformava no Hulk, fugia novamente com a mochila nas costas, pedindo carona.

Em pouco menos de trinta dias – foi o tempo que tivemos sua companhia – as únicas coisas que conseguimos tirar dele foram sobre sua infância, histórias maravilhosas vivenciadas por ele, filho único, e os primos. Parece ter sido uma época feliz. Já a juventude e a fase adulta, trancou-as a sete chaves. No entanto, deixou escapar, certo dia, que naqueles três últimos meses sentia-se um pouco mais relaxado do que ao iniciar a jornada dois anos antes. Provavelmente, as pessoas que tocaram seu caminho nesse período, nas diversas cidades onde parara, com problemas e situações completamente diferentes, auxiliaram-no a se conhecer como pessoa, trabalhando melhor os próprios conflitos. Devia ser mesmo uma experiência ímpar. Por azar – ou sorte – eu estava no auge da minha crise com minha mãe, que começara, por coincidência, havia dois anos. Num domingo, convidou-me para almoçar em sua “casa”. Pegamos nossos pratos e sucos, e fomos até a tenda. Pensei: “Chegou a hora! Ele vai desabafar.”

Entramos na casa verde e sentamos no chão, um de frente para o outro. Depois de duas garfadas, percebi que ele estava com os olhos cheios de lágrimas. Eu não sabia se ficava triste por vê-lo assim ou alegre por enfim conhecer sua história. Ledo engano. Estava chorando por que se sentia impotente para me ajudar. Achava que não seria capaz. De fato, como uma pessoa que não se abria nem em sessões de terapia conseguiria chegar ao outro e atingi-lo? Até então nunca fora capaz desse “ato de coragem”. Mas estava ali, diante de mim, disposto a tentar. Eu soube, algum tempo depois, que minha irmã, preocupada comigo e minha mãe, pedira sua intervenção por saber da minha admiração e respeito

por ele. Daladiê deu-me conselhos cruciais de como me relacionar com minha mãe, embora, seis meses depois, me visse obrigado a sair de casa, magoando meu pai e minha irmã – mas eu só soube disso muitos anos depois.

Infelizmente, chegou o dia. Mochila nas costas, capacete, joelheiras, luvas e uma maçã em uma das mãos. Jamais vou esquecer esta cena. Antes de dar a primeira pedalada, pediu que eu, minha irmã e meus pais ficássemos em frente à barbearia e bateu uma foto. Registrava tudo. Tinha também uma caderneta grossa, de capa vermelha, na qual fazia anotações sobre as pessoas que encontrava pela frente. Nós não sabíamos, até mesmo meus primos, até aquele derradeiro momento, que estávamos tão ligados a ele. Adeus, Daladiê!

E nunca mais o vi. Até ano passado, na Páscoa, depois de vinte anos! Ele estava fazendo o caminho de volta. Eu não estava mais em Cataguases, morava em Belo Horizonte, capital do estado. Ele conseguira o endereço com minha mãe em Cataguases. Meu pai já havia falecido, o que o deixou muito triste, adorava-o. Daladiê não era mais verde. Sua feição não era mais truncada. Também não estava mais de bicicleta. Com um largo sorriso, saiu do carro e apresentou-me à esposa e ao casal de gêmeos, de quatro anos, todos americanos. Fisicamente, não havia mudado nada – talvez o pedalar da época, aliado ao pote de ouro, que deve ter encontrado no final do seu arco-íris, tenham contribuído para isso. Ele estava radiante! Eu soube praticamente tudo o que acontecera com ele naqueles vinte anos em apenas dois dias; foi o tempo que ficaram em minha casa. Surpreendentemente, Daladiê estava ansioso para chegar a Porto Alegre. Nunca mais havia voltado lá, nem telefonara, nunca. E, mesmo agora, tanto tempo depois, não me revelou o que o levava a pegar a bicicleta, pôr a mochila nas costas e sair sem destino mundo afora. Mas o destino o encontrara. Na verdade, aguardou-o pacientemente na cidadezinha de Spanish Fork, no Estado de Utah, EUA, depois de quinze anos de estrada, depois de cruzar o Brasil, alguns

países da América do Sul e Central, tudo clandestinamente. A máquina fotográfica também não era a mesma, afinal estávamos na era digital. A sala ficou inundada de fotos dessa jornada, ida e volta. Comparávamos as pessoas, antes e depois, sua transformação. Foi divertido. E também enriquecedor.

Assim que terminasse o retorno, em Porto Alegre, Daladiê escreveria um livro, relatando toda a história e a de todos que participaram com ele dessa jornada. Ficou feliz quando falei que o desentendimento com minha mãe praticamente não existia mais. Fiz um breve relato da minha vida, trabalhos, relacionamentos, saúde, futuro. Ele me encontrou numa boa fase. Eu sabia que depois ele anotaria tudo na caderneta de capa vermelha, ainda a mesma, toda surrada. Eu a tinha visto no fundo da mala, quando pegou as fotos.

Antes de irem embora, deu-me um presente que havia trazido de Spanish Fork. Foi então que entendi por que ele e a esposa se entreolharam e sorriram ao entrar na minha sala de visitas assim que chegaram de viagem. Coleciono pequenas esculturas de coruja, ou mesmo maiores, *hobby* que adquiri há pouco tempo, eles não teriam como saber. Eles me deram uma linda miniatura de coruja de louça branca. Nem tentamos explicar.

Bagagem dentro do carro, pedi a uma das crianças do condomínio que tirasse uma foto nossa, todos juntos, incluindo a esposa e os filhos. Demos um forte e demorado abraço. Ele se comprometeu a fazer uma edição em português do seu livro (além do espanhol e inglês) e me enviar um exemplar. Com dedicatória, exige. Com outro largo sorriso, ele se despediu.